



## COMPREENDER-SE DIANTE DO TEXTO:

### UMA HERMENÊUTICA RICOERIANA NA OBRA DE JOÃO GUIMARÃES ROSA

Self understanding before the text: a Ricoeur hermeneutics in João Guimarães Rosa's work

Andréia Nicaretta \*

#### Resumo

De maneira artística e filosófica o ser humano sempre buscou compreender a si mesmo e o sentido do mundo, transfigurando o real, através da arte, para torná-lo melhor. No trabalho aqui proposto, o estudo da influência da arte no devir humano restringir-se-á ao âmbito literário. Através de pesquisa bibliográfica, buscar-se-á investigar o pensamento de Paul Ricoeur que compreende que, ao confrontarmos-nos com um texto, é possível ler o mundo em que vivemos a partir do sentido evocado pelo próprio texto. Para essa investigação tomar-se-á como base a obra de Guimarães Rosa, o qual explorava a expressão linguística em seu mais profundo âmago, potencializando a voz que seus textos adquirem ao interagirem com o receptor. Conclui-se, previamente, que o sentido atribuído, imbuído e constituído a partir de um texto é o que possibilita uma compreensão do mundo, uma busca pela "verdade" – é um constante "constituindo-se" daquele que o interpela.

**Palavras-chave:** Filosofia 1. Literatura 2. Hermenêutica 3.

#### Abstract

In an artistic and philosophical way, the human being has always sought to understand themselves and the meaning of the world, transfiguring the real, through art, to improve. In this paper, the studies on the influence of the art on the human becoming will be restricted to the literary sphere. Through bibliographic research, it will be investigated the thoughts of Paul Ricoeur that comprehends that, when we confront a text, it's possible to read the world we live in through the meaning evoked by the text itself. For this investigation, it will be used as a base Guimarães Rosa's, which explored the linguistic expression in its deepest core, potentiating the voice his texts obtain when interacting with the reader. It was concluded previously that the meaning given, imbued and formed by a text is what enables an understanding of the world, a search for the "truth" – it's a constant development of the one who interprets it.

**Keywords:** Philosophi 1. Literature 2. Hermeneutics 3.

#### Considerações Iniciais

Este escrito tem como base a tese de que o ser humano transfigura seu mundo real, através da arte, para obter um lugar melhor para viver, ou seja, a arte em geral, influência o devir humano. Delimitando o conteúdo, este trabalho restringir-se-á – a partir de exploração

---

\* Bacharelada em Teologia na Faculdades EST – Licencianda em Filosofia – Universidade do Vale do Rio dos Sinos/Unisinos. Bolsista do CNPq – Iniciação Científica. Orientador de pesquisa: Luiz Rohden. andreia.nicaretta@hotmail.com

bibliográfica – ao âmbito da linguagem poética literária e o poder que esta pode exercer sobre a existência humana. Para isso, o primeiro tópico utilizará o pensamento de Paul Ricoeur e Hans-Georg Gadamer para fundamentar a importância da disponibilidade de uma abertura, por parte do leitor, a um mundo que o texto propõe.

No tópico seguinte, a linguagem poética de João Guimarães Rosa será utilizada como exemplo de como a literatura pode “mexer” no âmago do leitor, de modo que o texto e seu enredo simbólico-significativo se inserem como prerrogativa fundamental para novas perspectivas ante a existência.

Por fim, a partir dos apontamentos feitos sobre a linguagem poética rosiana, no último tópico reverberará a ideia de que literatura – como arte e não apenas como informação, foco de um texto jornalístico por exemplo – é capaz de levar o ser humano/leitor a um outro nível de compreensão do mundo e do texto da vida por conta de seu potencial significativo, tomando como base algumas ideias de Benedito Nunes.

### **O mundo do texto: do ato de ler à compreensão de si mesmo**

*Só me encontro, como leitor, perdendo-me.*<sup>1</sup>

Todo ser humano está fadado a *ler* a realidade, seja ela pessoal, social ou cósmica. No entanto, o termo “ler” vai além da decodificação de letras e/ou números. “Ler” está relacionado primordialmente ao interpretar, compreender e traduzir textos escritos. A partir dessa perspectiva, o ato de leitura pode ser feito em diferentes níveis: “podemos ler superficialmente ou atentamente, podemos nos ater à leitura informativa ou ontológica, podemos ler a partir do indivíduo ou da coletividade, podemos ler instrumental ou filosoficamente”<sup>2</sup>.

Segundo Gadamer, “ler é traduzir”<sup>3</sup> e o ato de leitura, tanto de um texto quanto da realidade, é uma transposição de sentido entre duas margens – o leitor e o texto *ou* o interprete e o objeto interpretado – criando uma terceira margem, que antes não exista. Assim, “ler, sendo traduzir, é um ato de criação, irredutível à decifração literal de algo

<sup>1</sup> RICOEUR, *Hermenêutica e ideologias*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 68. (Coleção Textos Filosóficos).

<sup>2</sup> ROHDEN, Luiz. Sentido(s) da leitura hermenêutico-filosófica. In: ROHDEN, Luiz. *Interfaces da hermenêutica: método, ética e literatura*. Caxias do Sul: Educs, 2008, p. 211-212.

<sup>3</sup> GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método II*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 241.

preexistente”<sup>4</sup>. Ler não é um ato concluído, pois não há uma palavra final sobre o sentido de um texto e é exatamente isso que torna um texto passível de releitura – seu sentido não está acabado, dando espaço à compreensão e constante (re)interpretação do leitor. “Ler é um gesto essencialmente (re)criador de vida, sem contudo deduzir que o viver seja substituível pela leitura”<sup>5</sup>.

“Lemos para viver [...]. Se hoje somos amantes da leitura foi porque, algum dia, algum livro ou alguém nos iniciou nesse prazer”<sup>6</sup>. Ao lermos, elaboramos perguntas sobre o que sabemos, o que esperamos, como e porque fazemos o que fazemos, enfim, sobre quem somos. O ato de ler leva-nos a criar e cultivar relações com o outro, mesmo em leituras silenciosas e solitárias. Frente a leitura de uma obra, é possível acompanhar os personagens em suas mais variadas experiências e questionamentos, envolvendo-nos com o enredo a tal ponto que torna-se factível estabelecer relações com o mundo da ficção. Em suma, é possível afirmar que o ato de ler torna-se algo fascinante pelo fato de que lemos “pelo prazer de conhecermo-nos a nós próprios”<sup>7</sup>.

Antoine Compagnon situa o leitor em uma posição privilegiada, pois, para ele,

[...] a leitura tem a ver com a identificação de quem lê. O leitor passa, então, a aplicar o que lê à sua própria vida. Deste modo, cada leitor confere a sua leitura os traços de uma compreensão da obra que melhor lhe parece, deixando-se claro que ele também pode ser o autor de um texto. Por isso, ele não pode compreender um livro se não compreender a si próprio, porque a leitura tem a ver com empatia, projeção, identificação.<sup>8</sup>

A partir dessa definição de Compagnon, o leitor faz-se imprescindível para que uma obra tenha, literalmente, existência, uma vez que, para Compagnon, sem o leitor a obra não passa de mero relato escrito tendo um fim em si mesmo. Sendo assim, “é de suma importância a presença do autor, mas sem o leitor nada há de concreto”<sup>9</sup>, ou seja, a obra apenas se realiza plenamente na convergência entre leitor e texto. O leitor tende a visualizar as diferentes possibilidades de mundo presentes no texto, de modo que o significado

<sup>4</sup> ROHDEN, 2008, p. 212.

<sup>5</sup> ROHDEN, 2008, p. 213.

<sup>6</sup> ROHDEN, 2008, p. 214.

<sup>7</sup> ROHDEN, 2008, p. 216.

<sup>8</sup> SILVA, Denson André Pereira da. O leitor: as contribuições de Antoine Compagnon e Roland Barthes. In: *Anãs do II Seminário Nacional Literatura e Cultura*. vol. 2. São Cristóvão: GELIC, 2010. p. 03-04.

<sup>9</sup> SILVA, 2010, p. 04.

produzido pelo leitor converte-se em experiência e o mundo do texto se modifica.<sup>10</sup> Essa interação dialógica entre leitor e texto se torna possível graças a lacunas presentes no texto, nas quais o leitor adentra, reconhece-se, encontra-se e (re)cria. “Ao participar da tessitura de um texto, pela leitura, o leitor passa a ver uma realidade que, no seu dia-a-dia, não vê ou não pode ver”<sup>11</sup>. Nas palavras de Wolfgang Iser: “1. o texto ficcional permite a seus leitores que transcendam a sua posição no mundo; 2. o texto ficcional não é nenhum reflexo da realidade dada, mas sim seu complemento em um sentido específico”<sup>12</sup>.

Na mesma linha, Paul Ricoeur afirma que existe um “mundo do texto” que emerge no momento em que o leitor entra em contato com o texto. Para Ricoeur, o texto é silencioso até o momento em que entra em contato com os olhos do leitor, passando aí a ter vida ativa. No entanto, cabe ao leitor estar aberto ao texto, ao diferente e ao desconhecido. Somente saindo do seu mundo para perder-se no mundo do texto é que o leitor poderá encontrar seu “eu” em nível diferente daquele que conhecia. “Não se trata de impor ao texto sua própria capacidade finita de compreender, mas de expor-se ao texto e receber dele um si mais amplo”<sup>13</sup>.

Pode-se relacionar o fenômeno da leitura ao ato de ouvir e ver, logo, o bom leitor que tem a capacidade de ouvir o que um texto tem a dizer, tem também a capacidade de compreendê-lo. “No encontro com os textos, o mais importante não é a aquisição de novas informações, mas a experiência que realizamos enquanto os lemos. Nesse caso, não apenas nosso intelecto, mas também nosso coração, são enredados e enriquecidos pelas palavras do texto”<sup>14</sup>. Ao ser falar em “mundo do texto”, há que se ter em mente que Ricoeur não trata sobre a linguagem cotidiana, e sim, da linguagem poética. Relatos, contos ou poemas não existem sem referentes concretos, como “uma casa azul flutuante”, todavia, esses referentes estabelecem uma ruptura com a linguagem cotidiana.

Pela ficção, pela poesia, abrem-se novas possibilidades de ser-no-mundo, na realidade cotidiana; ficção e poesia visam ao ser, já não sob a modalidade do ser-dado, mas sob a modalidade do poder-ser. Por isso mesmo, a realidade cotidiana é metamorfoseada graças ao que poderíamos chamar de variações imaginativas que a literatura opera no real.<sup>15</sup>

<sup>10</sup> ROHDEN, 2008, p. 222.

<sup>11</sup> ROHDEN, 2008, p. 224.

<sup>12</sup> ISER apud ROHDEN, 2008, p. 224.

<sup>13</sup> RICOEUR, 2011, p. 68.

<sup>14</sup> ROHDEN, 2008, p. 230.

<sup>15</sup> RICOEUR, Paul. *Do texto à ação*. Ensaios de hermenêutica II. Porto: Rés-Editora, 1989, p. 122.

Sendo assim, no próximo tópico utilizar-se-á a linguagem poética de João Guimarães Rosa como exemplo de como a literatura pode “mexer” no âmago do leitor, de modo que o texto, e seu enredo simbólico e significativo, se inserem como prerrogativa fundamental para novas perspectivas ante a existência.

### A linguagem poética em João Guimarães Rosa

*Em meus textos, quero chocar o leitor, não deixar que ele repouse na senzala dos lugares-comuns, nas expressões acostumadas e domésticas. Quero obrigá-lo a sentir uma novidade nas palavras!*<sup>16</sup>

João Guimarães Rosa explorava a expressão linguística em seu mais profundo âmago, potencializando a voz que seus textos adquirem ao interagirem com o receptor/leitor/ouvinte. O discurso rosiano ressignifica o conteúdo discursivo através do plano descritivo de modo que este volta àquele repleto de signos, significados e sentidos completamente novos. A linguagem utilizada por Rosa, fundada em uma enunciação poética, traz à tona um “além-sentido” que tem o poder de nos transportar para o interior do texto narrado. Em entrevista com Günter Lorenz, o próprio Guimarães Rosa afirma:

Meu método implica na utilização de cada palavra como se ela tivesse acabado de nascer, para limpá-la das impurezas da linguagem cotidiana e reduzi-la a seu sentido original. Por isso, eu incluo em minha dicção certas particularidades dialéticas de minha região, que são linguagem literária e ainda têm sua marca original, não estão desgastadas e quase sempre são de uma grande sabedoria linguística. Além disso, como autor do século XX, devo me ocupar do idioma formado sob a influência das ciências modernas e que representa uma espécie de dialeto. [...] Seja como for, tenho de compor tudo isto, eu diria “compensar”, e assim nasce então meu idioma que, quero deixar bem claro, está fundido com elementos que não são de minha propriedade particular, que são acessíveis igualmente para todos os outros.<sup>17</sup>

<sup>16</sup> GUIMARÃES ROSA apud DUARTE, Lélia Parreira. Dito e Miguilim ou os dois usos da linguagem. In: FANTINI, Marli (Org.). *Machado e Rosa: leituras críticas*. Cotia: Ateliê Editorial, 2010, p. 153.

<sup>17</sup> LORENZ, Günter. *Diálogo com Guimarães Rosa*. Disponível em: <http://www.elfikurten.com.br/2011/01/dialogo-com-guimaraes-rosa-entrevista.html>. Acesso em: 14 out. 2013. p. 18.

Guimarães Rosa cria suas narrativas de forma que elas não se atêm à mera descrição objetiva de um fato e a linguagem poética utilizada pelo autor não segue os padrões de sintaxe tradicional. Isso pode ser exemplificado no seguinte trecho da novela “Campo Geral” da obra “Corpo de Baile”.

“ – Quê que é, Miguilim? Você sabe Pai disse? Amanhã ele vai deixar a gente nós dois montar a cavalo, sozinhos, vamos ajudar a trazer o bezerros...” “ – Dito, voce já teve alguma vez vontade de conversar com o anjo-da-guarda?” “ – Não pode, Miguilim. Se puder, vai p’ra o inferno...” “ – Dito, eu às vezes tenho saudade de uma coisa que não sei o que é, nem de donde, me afrontando...” “ – Deve de não, Miguilim, descarece. Fica todo olhando para a tristeza não, você parece Mãe.”<sup>18</sup>

Esse tipo de linguagem permite que o leitor, ao entrar em contato com uma obra rosiana, tenha diante de si um emaranhado de diferentes significados e uma enorme gama de conteúdos implícitos emergidos de uma mesma narrativa. “Cada palavra escolhida, cada forma de articulá-la dentro do discurso conferem existência concreta a um sentido que estava até então em estado potencial, fazendo com que à história contada sobreponha-se uma temática segunda”<sup>19</sup>. Assim o sentido figurado de cada elemento individual entrelaçados com o contexto geral dão uma conotação real à narrativa. Os sentidos metafóricos são explorados a tal ponto que cada signo significa muito mais do que se pode perceber em uma leitura superficial.

Rosa trabalha cada vocábulo para que, além do conteúdo semântico, também os sons desvendem, fenomenicamente, as relações íntimas entre o significado e o significante. Ele dá à linguagem verbal escrita acentos de sentido próprios à linguagem oral, revitalizando os recursos da expressão poética, tais como: ritmo, aliterações, cortes e deslocamentos de sintaxe, vocabulário insólito, erudito e arcaico, neologismos, dando a conhecer uma realidade viva.<sup>20</sup>

Relacionando a forma de escrita roseana apresentada em “Corpo de Baile” com a concepção ricoeuriana, vislumbra-se que texto (enquanto arte) e receptor/interlocutor são interdependentes, ou seja, na inter-relação entre texto e receptor, um vive não apenas para o outro, mas *com* o outro. Conseqüentemente, a linguagem poética de uma obra literária só

<sup>18</sup> ROSA, João Guimarães. *Corpo de Baile*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2006. (Edição comemorativa 50 anos 1956-2006). p. 56.

<sup>19</sup> LIMA, Elaine Soares de. Língua, literatura, enunciação e afetividade. In: *Cadernos de Semiótica Aplicada*. Casa. Vol. 9. n. 1. jul de 2011. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/casa/article/viewFile/4428/3929>. Acesso em: 18 mai. 2014. p. 02.

<sup>20</sup> LIMA, 2011, p. 11.

viverá e atingirá seu potencial artístico e hermenêutico a partir e através de sua interlocução e inter-relação com quem o defronta.

Nesse sentido é inevitável a distinção entre literatura poética e outras literaturas. A literatura poética é a dos romances, contos, poesias, novelas literárias e semelhantes. Não com menos mérito, as demais literaturas, como jornais, revistas, cartilhas, etc. têm caráter mais informativo e tendem a ser fim em si mesmas.

A partir dos apontamentos feitos da linguagem poética rosiana, no próximo e último tópico reverberará a ideia de que literatura – como arte e não apenas como informação, foco de um texto jornalístico por exemplo – é capaz de levar o ser humano/leitor a um outro nível de compreensão do mundo e do texto da vida por conta de seu potencial significativo.

### **Da literatura poética, pela filosofia, para a vida**

*É possível que pensemos a literatura poética (linguagem poética ou poesia) como um aditivo para uma abordagem filosófica do devir?*

A partir do artigo “*Poesia e filosofia: uma transa*”<sup>21</sup>, de Benedito Nunes, é que será ensejada a possibilidade de um fazer ou pensar filosófico que perpassa o sentido significativo do mundo emergido pela estrutura linguístico-operacional da poesia.

O autor enfatiza o termo “poesia” no âmbito da composição verbal, não apenas no sentido do verso, como também do poético encontrado no romance, no conto e na ficção em geral. Já “filosofia” não se limita ao pensamento racional ou a uma elaboração reflexiva, ela se estende “à denominação dos escritos, textos ou obras filosóficas que os formulam”<sup>22</sup>.

Com relação aos confrontos entre ambos os termos, Nunes retoma a Idade Média, onde não se falava em “estética e poética”, mas sim em “retórica e gramática”. “Havia então uma poesia sagrada, escrita em latim pelos clérigos, e outra profana, dos leigos, como os trovadores, escrita em língua vulgar”<sup>23</sup>. Já no século XVIII, com enfraquecimento da

<sup>21</sup> NUNES, Benedito. Poesia e Filosofia: uma transa. In: ROHDEN, Luiz., PIRES, Cecília. (Orgs.). *Filosofia e Literatura: uma relação transacional*. Ijuí: Unijuí: 2009. p. 17-36.

<sup>22</sup> NUNES, 2009, p. 17.

<sup>23</sup> NUNES, 2009, p. 18.

metafísica e a liberdade de imaginação dos românticos, notava-se que a “poesia apelava para a autenticidade dos sentimentos individuais”<sup>24</sup>.

Nunes distingue três formas de relação entre Filosofia e poesia: 1) Disciplinar 2) Supradisciplinar e 3) Transacional. Com relação a primeira forma, tem-se que a filosofia se empenha em conceituar a poesia, fazendo dela um objeto de investigação no âmbito reflexivo e crítico. Enquanto a poesia se apresenta como pertencente do domínio verbal, da fantasia, do imaginário, a filosofia se mostra pertencendo ao entendimento da razão e do conhecimento real. Nota-se nessa relação que há uma inferioridade da poesia em relação a filosofia, de modo que, a superação dessa inferioridade se daria no plano cognoscitivo, através da explicação e compreensão que a poesia receberia da filosofia.

O segundo tipo defende uma incorporação mútua das duas áreas, “de tal modo que uma fecundasse a outra”<sup>25</sup>. O movimento romântico deu asas a liberdade do ideal em direção ao supra-sensível, levando em consideração a refletividade do sujeito que “se autoproduz produzindo o real, na medida em que intui intelectualmente”<sup>26</sup>. Desta maneira, formou-se um intercruzamento entre o filosófico e o poético que correspondia com a interligação do romantismo com o idealismo. Essa relação põe a poesia como superior a filosofia e a ciência.

Já o terceiro tipo, propõe uma relação transacional entre os termos “Filosofia” e “poesia”. É possível notar

[...] um centro de transação, de passagem, de uma para outra. [...] É o movimento de ir de uma a outra, portanto separadas, cada qual na sua própria identidade, sem que cada qual esteja acima ou abaixo de sua parceira, numa posição de superioridade ou inferioridade do ponto de vista do conhecimento alcançado ou da verdade divisada, que constitui aqui o essencial.<sup>27</sup>

É nessa terceira perspectiva que procuramos relacionar a literatura poética como ponte instrumental para um filosofar, não necessariamente acadêmico, mas prático-funcional, cotidiano, natural – da poesia, pela filosofia para a vida. A linguagem poética leva o leitor a um filosofar que dispensa técnicas epistemológicas e metodológicas da filosofia enquanto ciência ou ensinada nas universidades. Com isso, trabalhamos com a tese de que a

<sup>24</sup> NUNES, 2009, p. 18.

<sup>25</sup> NUNES, 2009, p. 24.

<sup>26</sup> NUNES, 2009, p. 25.

<sup>27</sup> NUNES, 2009, p. 29.



poesia, linguagem poética ou literatura poética evoca da e na percepção humana sentimentos subversivos. Subversivos, na acepção de que a linguagem poética desmonta os esquemas racionais do sentido. Exemplo ponderável dessa asserção pode ser dado com o “*Poeminha do contra*”, de Mário Quintana:

Todos estes que aí estão  
Atravancando o meu caminho,  
Eles passarão.  
Eu passarinho!.<sup>28</sup>

Entre os possíveis significados desse poema está o de que enquanto outros que atravancam o caminho de Mário serão esquecidos, ele voará eternamente na memória das pessoas que o conheceram ou leram sua obra. De qualquer forma, essa é apenas uma das tomadas significativas que podem ser evocadas do poema. Entrementes, compreende-se, aqui, que não necessariamente precisamos racionalizar uma linguagem poética, mas simplesmente permitir que ela ressoe dentro de nós. Talvez, esse seja o supra objetivo da poesia: ressoar de maneira não definitiva nas entranhas do ser humano. Assim, racionalizar a poesia é um desserviço ao propósito da linguagem poética, pois, se o sentido de um poema fosse para ser simplesmente aquilo que parece ser, o poema sequer precisaria ser escrito. Entretanto, no caso do “*Poeminha do contra*”, em vez de Quintana escrever o poema poderia ter escrito: “*Enquanto aqueles que atravancam meu caminho serão esquecidos, eu não serei*”. No momento em que o autor faz uso de linguagem poética parece estar objetivando ou dizendo com isso: o significado do que quero dizer não é estrito, é livre e é de cada um que quiser fazê-lo ou remontá-lo.

É a partir dos pressupostos elencados que surge a acepção, por este escrito proposta, de que a literatura poética leva *per si* o leitor a uma percepção filosófica não estrita da realidade. Não estrita quer dizer: na dinâmica do devir as coisas do mundo nunca são, elas sempre estão. E, é no exercício de acompanhar as mudanças do mundo e a demanda da existência que a literatura poética se impõe como passarela do pensamento a um filosofar não institucional, mas genuíno, que se dá no momento do encontro do leitor, na leitura, em seu mundo, com o seu texto.

---

<sup>28</sup> QUINTANA, Mário. *Poeminha do contra*. Disponível em: <http://www.luso-poemas.net/modules/news03/article.php?storyid=1481>. Acesso em: 08 ago. 2014.

## Considerações Finais

O texto poético literário é ponte para uma abordagem filosófica do mundo, da existência e do Eu diante disso. Entre outros aspectos artísticos, a literatura poética é elo para uma “nova” percepção de devir para quem interage com o texto. Do texto da vida germina o texto poético e o texto poético reinventa linguística, perceptiva e significativamente o texto da vida, nessa ordem: mundo – autor – texto – leitor – mundo.

O distanciamento do leitor com o texto, proposto por Ricoeur, pode ser visto como um fator positivo, ao passo que o sentido poético, artístico e hermenêutico, tal como fora elaborado por Rosa, emergem exatamente do confronto (*vis a vis*) entre o texto e seus vários leitores – cada leitor portando suas várias compreensões e contextualizações.

Deste modo, o *sentido* atribuído, imbuído e constituído a partir do texto – pelas “culturas” que o defrontam – é o que possibilita uma compreensão do mundo, uma busca pela “verdade”, resultando na construção de uma chave hermenêutica. A linguagem poética proporciona uma abertura à multiplicidade de possibilidades de um “sempre novo” sentido. Sentido, este, que é um constante “constituindo-se”, não do texto em si, mas da compreensão que *pode* ser evocada artisticamente ou filosoficamente em quem o interpela, da literatura poética, pela poesia, para a vida.

## Referências

DUARTE, Lélia Parreira. Dito e Miguilim ou os dois usos da linguagem. In: FANTINI, Marli (Org.). *Machado e Rosa: leituras críticas*. Cotia: Ateliê Editorial, 2010.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método II*. Petrópolis: Vozes, 2002.

LIMA, Elaine Soares de. Língua, literatura, enunciação e afetividade. In: *Cadernos de Semiótica Aplicada*. Casa. Vol. 9. n. 1. jul de 2011. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/casa/article/viewFile/4428/3929>. Acesso em: 18 mai. 2014.

LORENZ, Günter. *Diálogo com Guimarães Rosa*. Disponível em: <http://www.elfikurten.com.br/2011/01/dialogo-com-guimaraes-rosa-entrevista.html>. Acesso em: 14 out. 2013.

NUNES, Benedito. Poesia e Filosofia: uma transa. In: ROHDEN, Luiz., PIRES, Cecília. (Orgs.). *Filosofia e Literatura: uma relação transacional*. Ijuí: Unijuí: 2009.

QUINTANA, Mário. *Poeminha do contra*. Disponível em: <http://www.luso-poemas.net/modules/news03/article.php?storyid=1481>. Acesso em: 08 ago. 2014.

RICOEUR, *Hermenêutica e ideologias*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. (Coleção Textos Filosóficos).

\_\_\_\_\_. *Do texto à acção*. Ensaios de hermenêutica II. Porto: Rés-Editora, 1989.

ROHDEN, Luiz. Sentido(s) da leitura hermenêutico-filosófica. In: ROHDEN, Luiz. *Interfaces da hermenêutica: método, ética e literatura*. Caxias do Sul: Educus, 2008.

ROSA, João Guimarães. *Corpo de Baile*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2006. (Edição comemorativa 50 anos 1956-2006).

SILVA, Denson André Pereira da. O leitor: as contribuições de Antoine Compagnon e Roland Barthes. In: *Anãs do II Seminário Nacional Literatura e Cultura*. vol. 2. São Cristóvão: GELIC, 2010.